

# O PÁSSARO DE PEITO VERMELHO

Jo Nesbø

Tradução de  
Maria João Freire de Andrade



DOM QUIXOTE



PARTE UM

Terra a Terra



Portagem, Alnabru.  
1 de Novembro de 1999.

Um pássaro cinzento deslizou pelo campo visual de Harry. Este tamborilou os dedos no volante. Tempo em câmara lenta. No dia anterior alguém estivera na televisão a falar do «tempo em câmara lenta». Aquilo era tempo em câmara lenta. Como a véspera de Natal antes da chegada de São Nicolau. Ou como estar-se sentado na cadeira eléctrica antes de ligarem a corrente.

Tamborilou com mais força.

Estavam estacionados numa área aberta atrás das cabines da portagem. Ellen aumentou um pouco o som do rádio. O locutor falava com reverência e solenidade.

«O avião aterrou há cinquenta minutos, e exactamente às 6h38, o presidente colocou um pé em solo norueguês. Foi recebido pelo *mayor* de Ullensaker. Está um maravilhoso dia de Outono, em Oslo. Um óptimo cenário para esta cimeira. Vamos voltar a ouvir o que o presidente disse na conferência de imprensa, há meia hora.»

Era a terceira vez. Harry voltou a ver os elementos da imprensa aos gritos e a atirarem-se contra a barreira. Do outro lado, os homens de fato cinzento – que numa tentativa falhada evitavam parecer-se com agentes dos Serviços Secretos – curvaram os ombros e de seguida descontrairam-nos ao perscrutarem a multidão e verificarem pela décima segunda vez que os auriculares estavam bem colocados; voltaram a observar a multidão, detiveram durante alguns segundos a atenção

num fotógrafo cuja lente telescópica era demasiado longa, continuaram a esquadrihar o aglomerado de pessoas, verificaram pela décima terceira vez que os auriculares estavam na posição correcta. Alguém saudou o presidente em inglês e tudo ficou silencioso. Depois um som arranhado num microfone.

– Primeiro, deixem-me começar por dizer que me sinto encantado por estar aqui... – disse o presidente pela quarta vez, com um sotaque americano rouco e bem-definido.

– Li que um psicólogo norte-americano muito conhecido acha que o presidente tem PM – disse Ellen.

– PM?

– Personalidade Múltipla. Dr. Jekyll e Mr. Hyde. O psicólogo considerou que a personalidade normal do presidente não tinha consciência de que a outra, a criatura sexual, estava a ter relações com todas aquelas mulheres. E foi por esse motivo que o tribunal não o pôde acusar de ter mentido, sob juramento, a esse respeito.

– Céus – respondeu Harry, e ergueu os olhos para o helicóptero que pairava muito acima deles.

No rádio, alguém que falava com um sotaque norueguês perguntou:

– Sr. presidente, esta é a quarta visita à Noruega de um presidente dos Estados Unidos em funções. Como é que se sente?

Interrupção.

– É muitíssimo agradável poder regressar. E considero que ainda mais importante é o facto de os líderes do Estado de Israel e do povo palestiniano se poderem reunir aqui. A chave para...

– Consegue lembrar-se de alguma coisa a respeito da sua anterior visita à Noruega, Sr. presidente?

– Sim, é claro. Nas conversações de hoje espero que possamos...

– Que significado tem Oslo e a Noruega para a paz mundial, Sr. presidente?

– A Noruega teve um papel importante.

Uma voz sem sotaque norueguês.

– Que resultados concretos é que o presidente considera serem realistas?

A gravação foi interrompida e alguém do estúdio começou a falar.

– Acabámos de ouvir o presidente dizer que a Noruega tem um papel fundamental em... hm, no processo de paz do Médio Oriente. Neste momento, o presidente está a caminho de...

Harry resmungou e desligou o rádio.

– O que é que se passa com este país, Ellen?

Ela encolheu os ombros.

– Ultrapassado posto 27 – crepitou o *walkie-talkie* no *tablier*.

Harry olhou para ela.

– Estão todos a postos nos seus respectivos lugares? – perguntou.

Ellen assentiu.

– Aí vamos nós – disse ele.

Ela rolou os olhos. Era a quinta vez que Harry dizia aquilo desde que o cortejo presidencial saíra do aeroporto de Gardemoen. Do local onde estavam estacionados conseguiam ver a auto-estrada vazia a estender-se desde as portagens em direcção a Trosterud e Furuset. A luz azul no tejadilho rodava lentamente. Harry baixou o vidro do carro para enfiar a mão de fora, e retirar uma folha seca e amarelada de debaixo do limpa-pára-brisas.

– Um pisco-de-peito-ruivo – disse Ellen, e apontou. – É raro ver um numa altura tão tardia do Outono.

– Onde?

– Ali. No telhado daquela cabine.

Harry baixou a cabeça e espreitou pelo pára-brisas.

– Oh, sim. Então aquilo é que é um pisco-de-peito-ruivo?

– Sim. Mas presumo que, provavelmente, não és capaz de ver a diferença entre um deles e um tordo-pisco, pois não?

– Não. – Harry cobriu os olhos. Estaria a ficar míope?

– Este pisco é um pássaro raro – disse Ellen, e voltou a apertar a tampa do termo.

– A sério? – perguntou Harry.

– Noventa por cento migra para sul. Alguns arriscam, e ficam.

– *Arriscam?*

Outro crepitar no *walkie-talkie*.

– Posto 62 para QG. Há um carro sem identificação estacionado junto à estrada, duzentos metros antes da curva para Lørenskog.

Uma voz profunda com um sotaque de Bergen respondeu do QG:

– Um momento, 62. Vamos verificar.

Silêncio.

– Verificaste as casas de banho? – perguntou Harry, a fazer um sinal com a cabeça em direcção à estação Esso.

– Sim, todos os clientes e empregados saíram da bomba de gasolina. Todos excepto o dono. Fechámo-lo no gabinete.

– As cabines da portagem também?

– Sim. Descontrai-te, Harry, foram feitas todas as verificações. Os piscos que ficam na esperança de um Inverno ameno, percebes? Pode acontecer, mas se estiverem errados morrem. Então, deves estar a perguntar-te, porque é que apesar disso não se dirigem para sul. São apenas preguiçosos, os pássaros que ficam?

Harry olhou para o retrovisor e viu os guardas de ambos os lados da ponte ferroviária. Vestidos de negro com capacetes e metralhadoras MP5 penduradas à volta dos ombros. Mesmo do lugar onde se encontrava conseguia ver a tensão dos corpos dos homens.

– A questão é que, se for um Inverno ameno, podem escolher os melhores lugares para fazerem os ninhos antes de os outros regressarem – continuou Ellen, enquanto tentava enfiar o termo no portaluvas cheio. – É um risco calculado, percebes? Ou gozas que nem um doido, ou estás na merda até ao pescoço. Ou corres esse risco ou não. Se sim, uma noite podes cair dos ramos, gelado, e descongelas quando chegar a Primavera. Mas também, podes não ter onde fazer o ninho quando voltares. Também são os nossos eternos dilemas.

– Tens um colete à prova de bala, não tens? – Harry virou-se para olhar para ela. – Tens ou não?

Ela bateu no peito com as articulações dos dedos.

– Dos leves?

Ela assentiu.

– Por amor de Deus, Ellen! Dei ordem para que colocassem coletes à prova de bala. Não esses coletes à Mickey Mouse.



- Sabes o que usam os tipos dos Serviços Secretos?
- Deixa-me adivinhar. Coletes leves?
- Isso mesmo.
- Sabes porque é que me estou nas tintas para isso?
- Deixa-me adivinhar. Por serem os Serviços Secretos?
- Acertaste.

Ela riu-se. Harry também conseguiu esboçar um sorriso. Ouviu-se outro crepitar no *walkie-talkie*.

– QG para Posto 62. Os Serviços Secretos dizem que é o carro deles que está estacionado na curva para Lørenskog.

– Posto 62. Mensagem recebida.

– Estás a ver – disse Harry, a bater irritado no volante —, falta de comunicação. O pessoal dos Serviços Secretos trata dos seus próprios assuntos. O que é que aquele carro está ali a fazer sem o nosso conhecimento? Eh?

– A ver se fazemos o nosso serviço – disse Ellen.

– Segundo as instruções que *elas* nos deram.

– Vai-te ser permitido tomares *algumas* decisões, por isso pára de resmungar – disse ela. – E pára de tamborilar no volante.

As mãos de Harry saltaram obedientes para o colo. Ela sorriu. Harry expeliu uma longa baforada de ar.

– Sim, sim, sim.

Os dedos de Harry encontraram a coronha do revólver de serviço, um Smith & Wesson calibre .38, de seis balas. Deu uma palmadinha no revólver. Sabia que, estritamente falando, não estava autorizado a transportar uma arma. Talvez estivesse mesmo a ficar míope. Depois do curso de quarenta horas do Inverno anterior, chumbara o exame de tiro. Embora não fosse raro, era a primeira vez que lhe acontecia e não gostara. Tudo o que tinha a fazer era repetir o exame – muitos tinham-no repetido quatro ou cinco vezes —, mas por um motivo ou por outro continuava a adiar.

Mais ruídos crepitantes.

– Posto 28 ultrapassado.

– Mais um ponto a favor da Polícia de Romerike – disse Harry.  
– O próximo é Karihaugen e depois somos nós.

– Porque é que não o fazem como nós costumávamos fazer? Limitarem-se a dizer onde se encontra o cortejo em vez de todos estes números estúpidos – perguntou Ellen num tom resmungão.

– Adivinha lá porquê.

Responderam em uníssono:

– Os Serviços Secretos!

E riram-se.

– Posto 29 ultrapassado.

Ele olhou para o relógio.

– Ok, estarão aqui dentro de três minutos. Vou mudar a frequência do *walkie-talkie* para a polícia de Oslo. Faz as verificações finais.

Ellen fechou os olhos para se concentrar nas verificações correctas que surgiam uma após a outra. Voltou a colocar o microfone em posição.

– Está tudo no lugar e a postos.

– Obrigada. Põe o capacete.

– Eh? Sinceramente, Harry.

– Ouviste o que eu disse.

– Põe tu o teu capacete!

– O meu é pequeno.

Uma nova voz.

– Ponto 1 ultrapassado.

– Oh, merda, às vezes és tão... pouco profissional. – Ellen enfiou o capacete, apertou o fecho do queixo e fez uma careta no espelho retrovisor.

– Também te adoro – disse Harry, a estudar a estrada em frente deles através dos binóculos. – Consigo vê-los.

No cimo da inclinação que conduzia a Karihaugen, o Sol incidia sobre o metal. Durante um momento, Harry apenas conseguiu ver o primeiro carro do cortejo presidencial, mas conhecia a ordem: seis motorizadas de escolta do departamento da polícia norueguesa, dois carros

de escolta da polícia norueguesa, um carro dos Serviços Secretos, dois Cadillac Fleetwood idênticos (carros especiais dos Serviços Secretos, trazidos dos Estados Unidos), e o presidente sentado num deles. Em qual dos dois, era segredo. Ou talvez estivesse sentado em ambos, pensou Harry. Um para Jekyll e outro para Hyde. Depois vinham os veículos maiores: uma ambulância, um carro de comunicações e vários carros dos Serviços Secretos.

– Parece estar tudo bastante calmo – disse Harry. Os binóculos moveram-se devagar da direita para a esquerda. O ar ondulava por cima do alcatrão, apesar de ser uma fresca manhã de Novembro.

Ellen conseguia ver a silhueta do primeiro carro. Dentro de trinta segundos teriam passado pela portagem e metade do trabalho estaria concluído. E dentro de dois dias, quando os mesmos carros tivessem passado a portagem em sentido contrário, ela e Harry poderiam regressar ao seu trabalho habitual. Ellen preferia lidar com os mortos da Brigada de Homicídios do que levantar-se às três da manhã para se sentar num Volvo frio com um Harry irritável, claramente sobrecarregado pela responsabilidade que lhe fora atribuída.

Para além da respiração regular de Harry, o carro encontrava-se num silêncio absoluto. Verificou as luzes dos indicadores dos dois *walkie-talkies*. Estavam verdes. O cortejo estava quase no fundo da colina. Decidiu que, depois daquela missão, iria até Tørst embebedar-se. Havia um tipo com quem trocara alguns olhares. Tinha caracóis negros e olhos castanhos, ligeiramente perigosos. Esguio. Uma aparência um pouco boémia, intelectual. Talvez...

– Mas que...

Harry já agarrara no microfone.

– Há alguém na terceira cabine da esquerda. Alguém identifica aquele indivíduo?

O rádio respondeu com um silêncio crepitante enquanto o olhar de Ellen corria de uma cabine para a seguinte. Ali! Viu as costas de um homem atrás do vidro castanho de uma das cabines – apenas a qua-

renta ou cinquenta metros de distância. A silhueta distinguia-se perfeitamente contra a luz vinda das traseiras tal como o cano curto com a mira a sobressair, junto ao ombro.

– Arma! – gritou. – Ele tem uma metralhadora.

– Merda! – Harry abriu a porta do carro com um pontapé, agarrou-se à estrutura da porta e atirou-se para o chão.

Ellen olhou para o cortejo. Não devia estar a mais de algumas centenas de metros. Harry enfiou a cabeça dentro do carro.

– Não é um dos nossos, mas pode ser dos Serviços Secretos – disse. – Contacta o QG. – Já tinha o revólver na mão.

– Harry...

– Agora! E dá uma buzina se o QG disser que é um dos deles.

Harry começou a correr em direcção à cabine e às costas do homem vestido com um fato. Ao ver o cano, Harry calculou que a arma era uma Uzi. O ar cortante de início de manhã atingiu-lhe os pulmões.

– Polícia! – gritou em norueguês, e depois em inglês.

Não houve reacção. O vidro grosso da cabine fora fabricado para amortecer o ruído do trânsito exterior. O homem virou nesse momento a cabeça em direcção ao cortejo e Harry conseguiu ver-lhe os Ray-Bans escuros. Serviços Secretos. Ou alguém que queria dar essa impressão.

Agora vinte metros.

Como é que ele conseguira entrar numa cabine trancada se não era um dos deles? Maldição! Harry já conseguia ouvir as motas. Não ia conseguir chegar à cabine.

Soltou a patilha de segurança e apontou, a rezar para que a buzina do carro estilhaçasse a imobilidade daquela estranha manhã numa auto-estrada bloqueada, em que ele nunca quisera em altura alguma estar. As instruções eram claras, mas sentia-se incapaz de evitar os próprios pensamentos. *Colete leve. Falta de comunicação. Atira, a culpa não é tua. Ele terá família?*

O cortejo começava a surgir directamente atrás da cabine, e movia-se depressa. Dentro de dois segundos, os Cadillacs estariam ao lado

das cabines. Pelo canto do olho esquerdo reparou num movimento, num pequeno pássaro a levantar voo do telhado.

*Correr-se ou não o risco... o eterno dilema.*

Pensou no colarinho baixo do colete, baixou o revólver meio centímetro. O rugido das motas era ensurdecedor.

Oslo.  
5 de Outubro de 1999.

**E**ssa é a grande traição – disse o homem de cabeça rapada, ao baixar os olhos para o manuscrito. A cabeça, as sobrancelhas, os antebraços volumosos, até as mãos enormes que agarravam a balaustrada, estava tudo impecavelmente rapado. Inclinou-se sobre o microfone.

– Desde 1945 que os inimigos do nacional-socialismo são os senhores da terra. Aumentaram em número, e colocaram em prática os seus princípios democráticos e económicos. Em consequência, não há um dia em que o sol desça sobre um mundo sem guerra. Até aqui, na Europa, passámos pela guerra e pelo genocídio. No Terceiro Mundo, milhões morrem à fome e a Europa está a ser ameaçada pela imigração em massa e pelo caos, pela miséria e luta pela sobrevivência.

Interrompeu-se para olhar em volta. Reinava um silêncio de pedra na sala. Apenas alguém sentado nos bancos atrás dele bateu palmas, hesitante. Quando continuou a falar, agora inflamado, a luz vermelha debaixo do microfone iluminou-se, agoirenta, a indicar que o sinal de gravação estava distorcido.

– Em breve esqueceremos a abundância, e muito pouco tempo nos separa do dia em que teremos de nos fiar em nós mesmos e na comunidade que nos cerca. Uma guerra, um desastre económico ou ecológico, e uma enorme rede de leis e regras que nos transforma a todos com demasiada rapidez em clientes passivo-sociais pode surgir subitamente. A anterior grande traição teve lugar a 9 de Abril de 1940

quando os nossos assim chamados líderes nacionais fugiram do inimigo para salvarem a pele, e levaram com eles as reservas de ouro para financiarem uma vida de luxo em Londres. Agora o inimigo está de novo entre nós. E aqueles que em princípio deveriam proteger os nossos interesses, voltam a desiludir-nos. Deixam que os inimigos construam mesquitas entre nós, deixam que roubem os nossos velhos e misturam o seu sangue com o das nossas mulheres. É nosso dever enquanto noruegueses proteger a nossa raça e eliminar aqueles que nos decepcionaram.

Virou a página, mas uma tossidela vinda do estrado em frente dele fê-lo interromper-se e erguer os olhos.

– Obrigado, acho que já ouvimos o suficiente – disse o juiz, a espreitar por cima dos óculos. – A acusação tem mais alguma questão a colocar ao réu?

O Sol, brilhante, atravessou a sala nº 17 do Tribunal da Corte de Oslo e deu ao homem de cabeça rapada um halo ilusório. Vestia uma camisa branca e uma gravata estreita, possivelmente a conselho do advogado de defesa, Johan Krohn Jr., que estava naquele exacto momento reclinado na cadeira a brincar com uma caneta entre o dedo médio e o indicador. Krohn não gostava da maior parte das coisas relativas àquela situação. Não gostava da direcção que o procurador estava a dar às questões que colocava, do modo como o seu cliente, Sverre Olsen, declarara abertamente o seu programa, nem do facto de Olsen ter considerado adequado enrolar as mangas da camisa para exhibir perante o juiz e os seus colegas do júri as tatuagens com teias de aranha em ambos os cotovelos e a fileira de suásticas no antebraço esquerdo. No antebraço direito estava tatuada uma cadeia de símbolos noruegueses e VALKYRIA, o nome de um bando neonazi em letras góticas negras.

Mas havia mais qualquer coisa em relação a todo aquele processo que o incomodava. Só que não conseguia dizer exactamente o que era.

O procurador, um homem baixo que se chamava Herman Groth, afastou o microfone com um dedo mindinho enfeitado por um anel com o símbolo da ordem dos advogados.

– Só mais algumas questões, vossa excelência. – A voz era suave e submissa. A luz sob o microfone passou a verde. – Então, quando às nove horas do dia 3 de Janeiro, entrou no Dennis Kebab na avenida Dronningens foi com a intenção óbvia de executar o dever de proteger a nossa raça, em relação àquilo de que acabou de falar?

Johan Krohn lançou-se para o microfone.

– O meu cliente já disse que ocorreu uma querela entre ele e o proprietário vietnamita. – Luz vermelha. – Ele foi provocado – disse Krohn. – Não existe absolutamente nenhum motivo que sugira premeditação.

Groth fechou os olhos.

– Se o que o seu advogado de defesa diz é verdade, herr Olsen, então foi por mero acaso que na altura tinha consigo um taco de basebol?

– Para se defender – interrompeu Krohn e ergueu os braços no ar desesperado. – Vossa excelência, o meu cliente já respondeu a estas perguntas.

O juiz esfregou o queixo ao observar o advogado de defesa. Todos sabiam que Johan Krohn Jr. era uma estrela ascendente da defesa – em particular, o próprio Johan Krohn – e foi presumivelmente isso que fez com que, por fim, o juiz acedesse com uma certa irritação:

– Concordo com a defesa. A não ser que a acusação tenha algo de novo a acrescentar, posso sugerir que continuemos?

Groth abriu os olhos de tal modo que se conseguiu ver uma faixa branca e estreita por cima e por baixo da íris. Inclinou a cabeça. Com um gesto cansado, levantou um jornal.

– Este é o *Dagbladet* de 25 de Janeiro. Numa entrevista na página oito, um dos co-ideólogos do acusado...

– Protesto... – começou Krohn.

Groth suspirou.

– Deixem-me alterar o que acabei de dizer para, um homem que exprimiu perspectivas racistas.

O juiz assentiu, mas ao mesmo tempo lançou a Krohn um olhar reprovador. Groth prosseguiu.



– Este homem, ao comentar o ataque ocorrido no Dennis Kebab, disse que precisamos de mais racistas como Sverre Olsen para recuperarmos o controle sobre a Noruega. Na entrevista, a palavra «racista» é utilizada como um termo respeitoso. O réu considera-se um «racista»?

– Sim, sou racista – disse Olsen, antes de Krohn ter conseguido intervir. – No sentido em que utilizo essa palavra.

– E que sentido é esse? – Groth sorriu.

Krohn fechou os punhos debaixo da mesa e ergueu os olhos para o estrado, para os dois jurados auxiliares que rodeavam o juiz. Aqueles três iam decidir o destino do seu cliente durante os próximos anos, e o seu próprio estatuto na barra de Tostrupkjeller durante os próximos meses. Dois cidadãos vulgares a representar o povo, a representar a justiça de senso comum. Costumavam chamar-lhes «jurados leigos», mas talvez tivessem percebido que isso era muito semelhante a «jurados laicos». À direita do juiz, sentava-se um homem novo que vestia um fato barato e discreto, e que mal se atrevia a erguer os olhos. À esquerda, a mulher jovem e um pouco gorducha parecia fingir que seguia o processo, enquanto estendia o pescoço de modo que o queixo duplo e incipiente não pudesse ser visto da sala. Noruegueses normais. O que é que sabiam de pessoas como Sverre Olsen? O que é que queriam saber?

Oito testemunhas tinham visto Sverre Olsen entrar num restaurante de hambúrgueres com um taco de baseball debaixo do braço e, depois de uma curta troca de palavras, atingir o dono, Ho Dai – um vietnamita de quarenta anos, que chegara à Noruega com um grupo de *boat people* em 1978 –, na cabeça. Com tanta força que Ho Dai nunca mais poderia andar. Quando Olsen começou a falar, Johan Krohn Jr. estava a esboçar mentalmente o recurso que iria dirigir ao Supremo Tribunal.

– *Rac-ismo* – leu Olsen, depois de encontrar a definição entre os seus papéis – é uma luta eterna contra a doença hereditária, a degeneração e a aniquilação, bem como um sonho de e por uma sociedade mais saudável, com melhor qualidade de vida. A mistura racial

é um genocídio bilateral. Num mundo onde existem projectos para criar bancos de genes para preservação dos mais pequenos insectos, é de modo geral aceite que se podem misturar e destruir raças humanas que demoraram milénios a evoluir. Num artigo do respeitado jornal *American Psychologist* de 1972, cinquenta cientistas norte-americanos e europeus falam acerca dos perigos de se suprimirem os argumentos referentes às teorias da hereditariedade.

Olsen interrompeu-se, envolveu a sala de tribunal n.º 17 num único olhar de relance e levantou o indicador direito. Virara-se para o procurador e Krohn conseguiu ver a tatuagem pálida *Sieg Heil* no rolo de gordura rapado, entre a nuca e o pescoço – um grito mudo e um contraste estranhamente grotesco com a retórica fria do tribunal. No silêncio que se seguiu, Krohn percebeu pelo ruído do corredor que a sala de tribunal n.º 18 interrompera a sessão para almoço. Passaram-se alguns segundos. Krohn lembrou-se de algo que lera acerca de Adolfo Hitler: que durante os comícios interrompia-se durante três minutos para causar um certo efeito. Olsen prosseguiu, a bater o ritmo com o dedo, como se quisesse embutir cada palavra e frase nos cérebros daqueles que o ouviam.

– Aqueles de entre vós que tentam fingir que não está a decorrer uma luta racial ou são cegos ou traidores.

Bebeu água do copo que o contínuo do tribunal colocara à sua frente.

O procurador interrompeu-o:

– E nesta luta racial o senhor e os seus apoiantes, dos quais se encontra hoje neste tribunal um certo número, são os únicos que têm direito a atacar?

Apupos vindos dos *skinheads* na galeria do público.

– Nós não atacamos, nós defendemo-nos – respondeu Olsen.  
– É o direito e dever de todas as raças.

Um grito vindo das bancadas, que Olsen ouviu e ignorou com um sorriso.

– De facto, até entre pessoas de outras etnias existe um nacional-socialismo consciente da raça.

Risos e aplausos espalharam-se pela galeria. O juiz pediu silêncio antes de olhar inquiridor para a acusação.

– É tudo – disse Groth.

– A defesa tem mais alguma questão a colocar?

Krohn sacudiu a cabeça.

– Então chamo a primeira testemunha da acusação.

O procurador fez um sinal ao contínuo, que abriu a porta das traseiras da sala. Ouviu-se no exterior um arrastar de cadeiras, a porta escancarou-se e entrou um homem corpulento. Krohn reparou que o homem vestia um casaco ligeiramente apertado, calças de ganga pretas e botas Dr. Martens grandes. A cabeça cuidadosamente rapada e o corpo esguio e atlético sugeriam uma idade algures no início dos trinta – embora os olhos injectados de vermelho cercados de olheiras e a compleição pálida de capilares finos que irrompiam esporadicamente em pequenos deltas vermelhos apontassem mais para os cinquenta.

– Agente da polícia Harry Hole? – perguntou o juiz quando o homem se sentou no banco das testemunhas.

– Sim.

– Estou a ver que não forneceu endereço.

– É privado. – Hole apontou com o polegar por cima do ombro.

– Eles tentaram entrar em minha casa.

Mais apupos.

– Já alguma vez prestou testemunho, agente Hole? Noutras palavras, já foi ajuramentado?

– Sim.

A cabeça de Krohn baloiçou como os cães de cabeças oscilantes que alguns condutores gostam de ter nas retaguardas dos veículos. Começou febrilmente a vasculhar os documentos.

– Investiga assassinatos para a Brigada de Homicídios, não é verdade? – perguntou Groth. – Porque é que lhe entregaram este caso?

– Porque foi incorrectamente avaliado.

– Oh?

– Nunca pensámos que Ho Dai sobrevivesse. Regra geral não se sobrevive com um crânio esmagado e partes de órgãos internos espalhadas pelo exterior.

Krohn viu os rostos dos jurados auxiliares contraírem-se involuntariamente. Mas agora isso não interessava. Encontrara o documento com os nomes deles. E ali estava. O erro.

Avenida Karl Johans.  
5 de Outubro de 1999.

*V*ai morrer, meu velho.

As palavras ainda ressoavam aos ouvidos do velho quando desceu os degraus para sair do edifício e se deteve, ofuscado pelo feroz sol outonal. À medida que as pupilas se contraíam devagar, apertou o corrimão com força e respirou fundo, lenta e profundamente. Ouviu uma cacofonia de carros, eléctricos, os sons dos *bips* que informavam os peões que podiam atravessar. E vozes – as vozes felizes e entusiasmadas que se apressavam acompanhadas pelo bater de sapatos. E música. Alguma vez ouvira tanta música? No entanto, nada parecia afogar o som das palavras: *Vai morrer, meu velho*.

Quantas vezes ficara ali de pé nas escadas no exterior do consultório do Dr. Buer? Duas vezes por ano durante quarenta anos, isso representava oitenta vezes. Oitenta dias normais como aquele mas nunca, nunca antes daquele dia, reparara como existia tanta vida nas ruas, tanta alegria, uma luxúria tão voraz pela vida. Era Outubro, mas parecia um dia de Maio. A paz do dia irrompeu. Estaria ele a exagerar? Conseguia ouvir a voz dela, ver a silhueta dela a correr vinda do sol, o delineado de um rosto a desaparecer num halo de luz branca.

*Vai morrer, meu velho.*

O branco adquiriu cor e transformou-se na avenida Karl Johans. Chegou ao último degrau, parou, olhou para a direita e depois para a esquerda como se não conseguisse decidir que direcção tomar, e caiu

num devaneio. Sobressaltou-se como se alguém o tivesse acordado e começou a andar em direcção ao Palácio. A sua passada era hesitante, os olhos baixos e a figura magra curvada num casaco de lã ligeiramente grande.

– O cancro espalhou-se – dissera o Dr. Buer.

– Certo – respondera, a olhar para o médico e a perguntar-se se aprendiam aquilo na universidade de medicina, tirarem os óculos quando tinham de falar de assuntos sérios, ou se era algo que os médicos míopes faziam para evitar olharem directamente para os pacientes. O Dr. Konrad Buer começara a assemelhar-se ao pai com o cabelo a desaparecer, e os papos debaixo dos olhos conferiam-lhe um pouco da mesma aura de preocupação.

– Em poucas palavras? – perguntara o velho com a voz de alguém que já não ouvia há mais de cinquenta anos. Tinham sido os sons cavos, ásperos, guturais de um homem com um terror mortal a estremecer-lhe nas cordas vocais.

– Sim, existe de facto uma questão acerca de...

– Por favor, doutor. Já vi a morte.

Levantara a voz, escolhera palavras que a forçavam a manter-se firme, a mantê-la da maneira como queria que o Dr. Buer a ouvisse. Da maneira como ele mesmo queria ouvi-la.

O olhar do médico desviara-se através do tampo da mesa, através do chão de *parquet* gasto e atravessara a janela suja. Refugiara-se no exterior durante um momento antes de regressar e encontrar-se com o olhar do velho. As suas mãos tinham encontrado um pano para limpar os óculos, e começou a limpá-los repetidamente.

– Sei como se...

– Não sabe nada, doutor. – O velho ouvira-se a soltar uma gargalhada curta e seca. – Não se ofenda, Dr. Buer, mas posso garantir-lhe uma coisa. Não sabe nada.

Observara o desconforto do médico, e ao mesmo tempo ouvira a torneira a pingar no lavatório na extremidade mais afastada da sala. Era um som novo. De repente, e incompreensivelmente, pareceu recuperar a audição de um jovem de vinte anos.

Depois o Dr. Buer voltou a colocar os óculos, ergueu um pedaço de papel como se as palavras que ia dizer estivessem escritas nele, pigarreou e disse:

– Vai morrer, meu velho.

O velho teria preferido um pouco menos de familiaridade.

Parou junto a um aglomerado de pessoas, onde ouviu uma guitarra e uma voz a cantar uma canção que devia parecer antiga a todos excepto a ele. Já a ouvira antes, provavelmente há um quarto de século, mas para ele poderia ter sido ontem. Agora era tudo assim – quanto mais distante no tempo, mais próximo e claro lhe parecia. Conseguia lembrar-se de coisas em que não pensava há anos. Agora bastava-lhe fechar os olhos e ver, projectadas na retina, coisas que lera anteriormente nos seus diários de guerra.

– De qualquer maneira, ainda lhe deve restar um ano.

Uma Primavera e um Verão. Poderia ver cada uma das folhas a amarelecer nas árvores de folha caduca de Studenterlunden como se estivesse a usar óculos novos, mais fortes. As mesmas árvores já estavam ali em 1945, ou não estariam? Naquele dia não estavam muito claras, nada estivera. Os rostos sorridentes, os rostos furiosos, os gritos que mal ouvia, a porta do carro a fechar-se com estrondo e talvez tivesse lágrimas nos olhos porque quando se lembrava das bandeiras que as pessoas acenavam ao correrem ao longo dos passeios, apareciam-lhe vermelhas e desfocadas. Os gritos delas: *O príncipe herdeiro voltou!*

Subiu a colina até ao Palácio onde várias pessoas se tinham reunido para assistirem ao render da guarda. O eco das ordens, o bater das coronhas das espingardas e os tacões das botas reverberavam contra a fachada de tijolo amarelo-pálido. Ouvia-se o zumbido das câmaras de vídeo e captou algumas palavras em alemão. Um jovem casal japonês, abraçado, observava o espectáculo, alegre. Fechou os olhos, tentou detectar o cheiro dos uniformes e do óleo das armas. Claro que era um disparate. Não havia ali nada que cheirasse à sua guerra.

Reabriu os olhos. O que é que eles sabiam, aqueles soldadinhos vestidos de preto, as figuras de parada da monarquia social, que executavam acções simbólicas, ainda demasiado inocentes para as compreender e demasiado novos para sentir alguma coisa. Voltou a lembrar-se daquele dia, dos jovens noruegueses vestidos como soldados, ou «soldados suecos» como lhes tinham chamado. Aos seus olhos, eram soldados de chumbo. Não sabiam usar um uniforme, muito menos tratar um prisioneiro de guerra. Estavam assustados e eram brutais. De cigarros na boca e bonés inclinados sobre as orelhas, tinham-se agarrado às armas recentemente adquiridas e tentado ultrapassar o medo batendo com as coronhas das espingardas nas costas dos prisioneiros.

– Porco nazi – tinham dito ao atingirem-nos, para receberem um perdão imediato pelos seus pecados.

Respirou fundo e saboreou o dia outonal e ameno, mas nesse momento uma vaga de dor abateu-se sobre ele. Cambaleou para trás. Água nos pulmões. Dentro de doze meses, talvez menos, a inflamação e o pus iriam produzir água que se iria acumular nos pulmões. Dizia-se que aquilo era o pior.

*Vai morrer, meu velho.*

Depois seguiu-se a tosse. Foi tão violenta que as pessoas mais próximas afastaram-se involuntariamente.